

## **“RAÇA DE GIGANTES” ... DO FUTEBOL! A TRADIÇÃO PAULISTA NAS LETRAS E NA IMPRENSA ESPORTIVA, NOS PRIMEIROS ANOS DO FUTEBOL BRASILEIRO**

Felipe Morelli Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a invenção de uma "tradição paulista" no universo letrado de São Paulo e a sua reprodução, com base em novos narradores, nas páginas esportivas da imprensa bandeirante, na defesa da superioridade de São Paulo sobre o Rio de Janeiro no desenvolvimento do futebol no Brasil. Essa “tradição” se destinou à fixação de uma identidade paulista, na Primeira República, atendendo às elites locais em seu projeto político de afirmação da hegemonia de São Paulo na história e nos destinos da nação. Uma hegemonia evocada nas páginas esportivas de Piratininga, em razão dos primeiros encontros futebolísticos envolvendo os selecionados paulista e carioca, promovendo uma pulsante rivalidade regional que tanto marcou os primeiros anos do futebol, nas duas capitais.

**Palavras-chave:** História; Futebol; Imprensa Esportiva; São Paulo.

### **“A Race of Giants” ... of Football! The Paulista Tradition in Literature and the Sports Press in the First Years of Brazilian Football**

**Abstract:** This article analyzes the invention of a "Paulista tradition" in the literary universe of São Paulo and its reproduction on the basis of new narrators, in the sports pages of bandeirante press, in defense of the superiority of São Paulo over the Rio de Janeiro in the development of football in Brazil. This "tradition" was intended to set a Paulista identity, in the First Republic, following the local elites in their assertion political project of hegemony of São Paulo in history and the nation's destiny. Hegemony mentioned in the sports pages of Piratininga, because of the first football matches involving the São Paulo and Rio de Janeiro selected by promoting a pulsating regional rivalry that so marked the early years of football in the two capitals.

**Keywords:** History; Football; Sports Press; São Paulo.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como bolsista integral CNPq (conclusão em fev. 2016), com período Sanduíche na Universidade de Lisboa (fev.-set. 2015), como bolsista CAPES, em estudos dirigidos à produção de Tese intitulada “Morram” os cariocas! O Regionalismo Paulistas nas páginas esportivas (1901-1938), que serviu de base para a elaboração do presente artigo. E-mail: felipemachadoics@gmail.com. São Caetano do Sul (SP), Brasil.

Depois que se conhecem os pormenores das jornadas intermináveis dos antigos paulistas, fica-se como estupefato e levado a crer que estes homens pertenciam a uma *raça de gigantes*. (SAINT-HILAIRE, 1976)

Não faltaram vozes autorizadas no mundo letrado de São Paulo para glorificar o passado dos "homens paulistas". As proezas da "raça de gigantes", para Saint-Hilaire somente comparáveis às dos "titãs" e tão difíceis de serem compreendidas pelos europeus (acostumados à navegação de seus "mesquinhos rios"), também seriam celebradas por Euclides da Cunha, ao dizer, taxativamente, que "[...] a tradição heroica das entradas constitui o único aspecto original da nossa história". (CUNHA In TAUNAY, 1975, p. 13)

O "mito bandeirante" é um elemento fundamental na memória coletiva paulista. Atendendo aos interesses de manutenção do poder de suas elites, é constantemente evocado como imagem que carrega os valores da sociedade de Piratininga. Mais que isso, constitui a forjada figura do "homem paulista", conquistador de terras; desbravador do sertão; civilizador do índio; promotor da unidade territorial brasileira. Essa entidade bandeirante (ABUD, 1985) se destina a congregar cada paulista como sua maior representação, sua identidade mestra, reforçando-se no cotidiano dos habitantes da cidade, em marcos como a Avenida dos Bandeirantes, a Fernão Dias e a Raposo Tavares, no Monumento às Bandeiras, no Ibirapuera, de Vítor Brecheret, no Palácio dos Bandeirantes, no Museu Paulista, nas escolas, clubes e agremiações esportivas.

Dos valores consagrados nessa imagem bandeirante se destacam a "bravura", o "progresso", a "audácia", a "supremacia racial". Símbolos que são criados, fundamentalmente, pela história oficial, em sua função de orientar a memória coletiva, como destaca Katia M. Abud: "Ao recuperarem a figura histórica do bandeirante, os historiadores formaram um conjunto de símbolos que os paulistas utilizaram ao enfrentar questões que lhes foram peculiares ao longo de sua história". (ABUD In FERREIRA; DE LUCCA; IOKOI, 1999, p. 72)

Tal construção histórica começou no século XVIII, com os historiadores Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques de Almeida Paes Leme que, enquanto representantes de uma elite colonial provinciana, rememoravam os predecessores da cidade de São Paulo, como forma de se opor aos recém-chegados colonos europeus (que, em razão do declínio das regiões das minas, rumaram para São Paulo e ameaçavam o poder das elites locais, enriquecendo como comerciantes e/ou tropeiros), à medida que São Paulo galgava posição estratégica na vida econômica do país.

Esses dois historiadores paulistas se empenharam na produção de obras que valorizassem seus antepassados. Assim, em *Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica*, (LEME, 1953) Pedro Taques de A. P. Leme procurou sustentar a linhagem dos bandeirantes, tendo em suas raízes ao menos um fidalgo da pequena nobreza portuguesa, do Porto, de Lisboa, de Coimbra etc. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, não se pode perder de vista que, naquele jogo de poder, o passado paulistano era determinado pelos interesses políticos do presente, na crescente Cidade de São Paulo de Piratininga, de

homens como Pedro Taques que, por aspirar ao cargo de vereador, concentrava-se na genealogia dos "homens bons", de sangue limpo e profissões dignas, que legitimavam sua então candidatura ao cargo. Entretanto, não apenas por essas motivações apontadas por Queiroz, mas, principalmente, em razão da luta de Pedro Taques por limpar sua reputação ante as acusações de que havia roubado grande soma da remessa anual a ser encaminhada a Lisboa, quando tesoureiro-mor da Bula da Cruzada. (QUEIROZ, 1992)

Além dessa tentativa frustrada de preservar a sua imagem, Taques procurou sustentar que os "antigos paulistas", dos quais descendia, tinham sua condição de nobreza carimbada por façanhas militares e conquistas territoriais, despreendendo-se daí a noção de valentia bélica hereditária que viria desde os tempos dos "sertanistas", dos "chefes de tropa", dos "capitães", enfim, dos "antigos paulistas" (nos dois primeiros séculos de colonização), até os nobres paulistas do século XVIII.

Por sua vez, outro dos pioneiros historiadores bandeirantes, Frei Gaspar da Madre de Deus, empenhou-se na defesa dos paulistas quando da queixa dos jesuítas espanhóis sobre o bandeirantismo. Na obra *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, (MADRE DE DEUS, 1953) o frei beneditino<sup>2</sup> ressaltava as façanhas dos mamelucos, homens que, por mesclar as qualidades do índio e do europeu, resistiram às condições mais difíceis de sobrevivência, a fim de desbravar e conquistar o território nacional.

Sendo assim, para um dos grandes responsáveis pelo levantamento do regionalismo paulista na Primeira República, Afonso d'E. Taunay, seria aquela a imagem pretendida para os formuladores de uma tradição, Pedro Taques e Frei Gaspar. Entretanto, uma "tradição seletiva" (WILLIAMS, 2005, p. 219) - como queremos, de antemão, pontuar, à luz de Raymond Williams -,<sup>3</sup> tendo em conta se tratar de um passado selecionado que se constituiria em uma força ativa no "processo hegemônico paulista" e como tal suscetível às reinterpretações e adequações demandadas pela dinâmica dos diferentes momentos históricos.

---

<sup>2</sup> Filho de pais abastados e de família inclinada ao exercício eclesiástico, Frei Gaspar estudou no Colégio da Companhia de Jesus, em Santos, e, como noviço, atuou na Bahia, dedicando-se aos estudos de Filosofia, História e Ciências Eclesiásticas. Após sua ordenação como frei beneditino, passou a exercer a vocação no mosteiro do Rio de Janeiro, tornando-se Doutor em Filosofia e Teologia e, àquela altura, "o revolvedor incansável de cartórios e arquivos, mantendo-se em comunicação assídua com Pedro Taques", como assinala Afonso de E. Taunay. (TAUNAY In MADRE DE DEUS, p. 8). Frei Gaspar ainda recusaria o cargo de Abade de São Paulo, assumindo, pouco tempo depois, a direção da abadia fluminense como Capitão Geral Abade do Rio de Janeiro, em substituição ao Fr. Antônio de São Bernardo, aonde exerceria uma boa administração, principalmente, por conseguir quitar a grande dívida do mosteiro com o Vice-Rei.

<sup>3</sup> Segundo Raymond Williams, no interior da cultura dominante expressa hegemonicamente há um processo por ele identificado como "tradição seletiva", correspondendo àquilo que "[...] é sempre transmitido como 'a tradição', 'o passado importante'. Mas o principal é sempre a seleção, o modo pelo qual de um vasto campo de possibilidades do passado e do presente, certos significados e práticas são enfatizados e outros negligenciados e excluídos. Ainda mais importante, alguns desses significados e práticas são reinterpretados, diluídos ou colocados em formas que apoiam ou ao menos não contradizem outros elementos intrínsecos à cultura dominante efetiva". (WILLIAMS, 2005, p. 219).

Ainda que tais historiadores nos forneçam uma espécie de "proto-história do bandeirante", (ABUD, 1985) o maior volume de produções culturais sobre São Paulo se encontra em fins do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, tendo como epicentro algumas iniciativas como o *Almanaque Literário de São Paulo*, de José Maria Lisboa, além de instituições de grande importância, tais como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), o Museu Paulista e a Academia Paulista de Letras, tríade institucional decisiva na afirmação do "processo hegemônico paulista".

Já em meados de 1870, ganhavam força na capital paulista novos ideais políticos ligados ao republicanismo, tendo ainda a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco como seu centro irradiador, além de formador das elites políticas e intelectuais da província. Uma intelectualidade paulista regida em suas concepções científicas e políticas pelo evolucionismo e pelo positivismo. Um círculo cujo debate já girava em torno da necessidade de conferir a São Paulo o lugar de maior destaque na vida nacional, tanto no cenário político, quanto em sua projeção cultural, posição que lhe correspondesse a sua já destacada proeminência econômica, assentada no café. No universo das letras, o desafio era fazer com que sua produção artística e literária não mais fossem "ofuscadas pelo brilho da Corte".

À altura da década de 1870, poucos artistas e escritores de São Paulo haviam conseguido prestígio fora da província, com as exceções de Álvares de Azevedo, morto em 1851, cuja obra poética obteve grande repercussão no Rio de Janeiro (onde, aliás, estudou no Colégio Pedro II), e do músico Carlos Gomes, que já contava com o mecenato do imperador. Isto, mesmo considerando que, pelo círculo das Arcadas, passaram figuras que se tornariam ilustres, vindas de outras partes, como José de Alencar e Bernardo Guimarães. (FERREIRA, 2002, p. 33)

É nesse momento que desponta a construção intelectual do heroísmo paulista na vida nacional, uma vez que, até então, predominava uma imagem de conotação negativa dos paulistas bandeirantes, como "gente atrasada e aferrada a costumes antigos", sendo por isso chamados no Rio de Janeiro de "sertanejos" ou "caboclos". Vigorava ainda a imagem que, em tempos idos, os muitas vezes inimigos jesuítas lhes atribuíram, como "homens rudes, violentos e ignorantes", ou mesmo dos primeiros viajantes que descreviam a província como "acanhada, interiorana, isolada no planalto", em descrições como a já citada de Saint-Hilaire que, embora fosse um dos primeiros apregoadores dos feitos da *raça de gigantes* no período colonial, ainda apresentava São Paulo como "uma cidade do sertão, de infraestrutura rudimentar, e habitada por muitos pobres".

No processo de afirmação de uma identidade paulista – que cuidava de apresentar e difundir a cultura do planalto e reverter a pejorativa imagem da província na composição da vida nacional –, despontariam iniciativas bem-sucedidas como o *Almanaque Literário de São Paulo*, fundado por José Maria Lisboa. Embora de origem portuguesa, Lisboa se mudou ainda jovem para a capital paulista, iniciando sua trajetória de imprensa como tipógrafo, e desenvolvendo-se enquanto redator de jornais como o *Correio Paulistano*, a *Província de São Paulo* e a *Gazeta de Campinas*, além de ter sido um dos

fundadores do *Diário Popular*. O êxito na carreira jornalística não pode ser compreendido fora de sua rede de relações sociais no seio das elites paulistanas, universo cujo acesso lhe foi garantido por meio de união matrimonial com a filha de um dos grandes farmacêuticos da capital, da família Sousa e Castro.

No período em questão, o crescimento econômico de São Paulo, alavancado pelo café, não encontrava correspondência na esfera política do país, o que levou a elite política paulista à participação no movimento republicano, tendo em vista a implantação do projeto político de uma federação que, caracterizada pela maior autonomia dos Estados, fosse conduzida politicamente pelo Estado que a impulsionava economicamente, São Paulo.

Dessa forma, no início do regime republicano no Brasil, a tríade institucional (Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Museu Paulista e Academia Paulista de Letras) dedicar-se-ia à construção de uma história e tradição paulistas, refletindo o esforço das elites no sentido de dotar as gerações seguintes de uma formação intelectual e técnico-científica adequadas aos desafios do processo de modernização de São Paulo, assim como de oferecer ao presente um passado, uma origem sólida, ainda que situando-a nos mitos de uma nação ainda em formação.

É já nesse ponto da análise do "processo hegemônico paulista" que nos são úteis as concepções de Raymond Williams no que tange à distinção de três aspectos importantes na constituição de um processo cultural: as "tradições", as "instituições" e as "formações". No primeiro aspecto, que diretamente nos interessa, uma "tradição seletiva" não deve ser trabalhada apenas como mera "sobrevivência do passado" e sim como força ativa no "processo hegemônico", "uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural". (WILLIAMS, 1979, p. 118) Essa força modeladora do presente é operada, normalmente, embora não exclusivamente, por instituições formalmente estabelecidas e identificáveis, como no caso do "hegemônico paulista" e a tríade representada pelo IHGSP, pelo Museu Paulista e pela Academia Paulista, como também os jornais estudados, ainda que isso não signifique a inexistência de contradições, negociações e conflitos não solucionados, como no interior de qualquer processo hegemônico complexo. (IDEM, p. 121-122) <sup>4</sup>

Nessa direção analítica, é significativo que a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) tenha se dado no início do mês de novembro de 1894, dias antes da posse do primeiro presidente civil do regime republicano brasileiro, o paulista Prudente de Moraes, <sup>5</sup> também

---

<sup>4</sup>No que concerne ao último aspecto componente dos processos hegemônicos em Raymond Williams, as "formações", o autor as identifica "como movimentos e tendências conscientes (literários, artísticos, filosóficos ou científicos) que em geral podem ser percebidos com facilidade, de acordo com suas produções formativas", e que tem sua especificidade pelo relacionamento variável e ambíguo com as instituições formais. Idem, p. 120.

<sup>5</sup> O governo Prudente de Moraes (1894-98) ficaria marcado não só pelo projeto de afirmação do domínio civil na República, como também pela efervescência e instabilidade do momento: "em meio a um verdadeiro caos – protestos violentos dos jacobinos, reações militares, paralisia institucional e a sangrenta Guerra de Canudos –, Prudente tornar-se-ia extremamente impopular, tendo sido combatido nas ruas da capital federal" (Cf. FAUSTO, 1996, p. 256-257).

nomeado presidente honorário da instituição, em um momento de crise econômico-social da República, que nutria, na intelectualidade e políticos paulistas, ainda mais a convicção de que a São Paulo caberia o resgate e a condução da nação.

Tão expressivo quanto tal fato é que o Museu Paulista surge no mesmo período, precedendo ao IHGSP, mas no bojo das iniciativas de cunho institucional que, longe de expressar exclusivamente a crença no poder alumniador dos conhecimentos científicos para a civilização e modernização de São Paulo, atestava, também, o intento dos homens letrados da capital de estabelecer, pelas ferramentas da geografia, da história, da geologia, da etnografia etc., as raízes do povo paulista.

Nessa perspectiva, alguns historiadores se empenharam no resgate da História de São Paulo, destacando o período em que foi predominante o bandeirantismo na então Capitania de São Vicente: o século XVII. Enquanto intelectuais representantes da elite paulista, Alfredo Ellis Jr., Affonso d'Escragno Taunay e Alcântara Machado trariam, por meio de suas obras, contribuições decisivas para a fixação dessa "tradição paulista".

Influenciado pelos escritos de Frei Gaspar da Madre de Deus e em estudos sobre superioridade de raças de autores europeus como Gobineau e Lapouge (ainda que esses argumentassem o problema da mestiçagem), Alfredo Ellis Jr. (ELLIS JR., 1976) recorreu a documentos de famílias paulistas do século XVII, a fim de afirmar a superioridade da "sub-raça planaltina", fruto da mestiçagem entre o europeu e o indígena, sobre as famílias do Nordeste canavieiro, caracterizadas pela miscigenação entre o branco europeu e o africano. Ao constatar que as famílias paulistas tinham uma alta taxa de fertilidade, com numerosas filiações, diferentemente do que ele supunha ocorrer com as famílias mestiças do Nordeste, Ellis Jr. definiria a primazia da "sub-raça planaltina" dos paulistas, ideia que também seria desenvolvida por Oliveira Viana, em *Populações meridionais do Brasil*, na qual Viana defende que esses bandeirantes descendem de "primitivos colonizadores lusos", representantes da parte "mais eugênica da raça peninsular", trazendo "nas veias uma forte herança de bravura, de intrepidez", um caráter eugênico que caracterizaria o que Viana chamaria de chefes paulistas da grande empresa agrícola.<sup>6</sup>

Fato é que se Alfredo Ellis Jr. recuperaria Frei Gaspar, o diálogo de Alcântara Machado com a obra de Pedro Taques de Almeida Paes Leme teria outro teor e outro direcionamento. Ao trabalhar com testamentos e inventários de paulistas do mesmo século XVII, Alcântara Machado refutava a imagem de riqueza e fidalguia dos paulistas do seiscentismo, afirmando que a associação entre o paulista e a nobreza medieval, feita por Taques, não se sustentava na

---

<sup>6</sup> Viana ainda retoma as práticas aristocráticas desses chefes paulistas (com base em *Nobiliarquia paulistana*, de Pedro Taques), destacando que, para além da riqueza, o espírito culto desses aristocratas lhes conferiria uma superioridade em relação à própria nobreza da metrópole, tendo, nos traços de eugenia, de seus ancestrais, a razão para esse modo de vida. Esse caráter eugênico é recuperado pelo sociólogo, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, em 17 de fevereiro de 1924, quando reafirma: "os velhos paulistas foram sempre uma raça exuberante e fértil, um tipo moral e fisicamente eugênicos. É este, precisamente, um dos traços que mais os distinguem dos outros grupos nacionais. O afluxo moderno dos colonos europeus tenderá ainda mais essas aptidões eugenísticas da gente paulista". Para mais detalhes ver: Oliveira Viana (1973, p. 30-32).

prosperidade econômica e sim nos valores que ambos expressariam, a saber, "honra", "valentia", "cavalheirismo", "temor a Deus". A nobreza paulista advinha da vida sóbria e digna em meio à pobreza da capitania. O legado do bandeirantismo, em Alcântara Machado, era a de uma nobreza abnegada, que conquistava a riqueza para o bem de todo o Brasil.

Todavia, dentre tais historiadores, seria mesmo Affonso d'E. Taunay a traçar o mapa das grandes bandeiras paulistas, no clássico *História geral das bandeiras*. (TAUNAY, 1975) Nessa obra, Taunay alça o bandeirante à posição de grande e pioneiro explorador dos sertões brasileiros; um bandeirante que não era outro senão o paulista do século XVII, o maior responsável pela unidade territorial e descobrimento das riquezas da colônia, encarando com intrepidez os desafios do sertão e deixando suas marcas indeléveis na história do Brasil.

Não obstante a relevância de sua produção sobre as bandeiras e no desenvolvimento dessa "tradição paulista" assentada no mito bandeirante, cabe, também, ressaltar que Affonso d'E. Taunay ganharia ainda maior representatividade naquele período em razão de, em fevereiro de 1917, ter assumido a direção do Museu Paulista, ocupando o lugar deixado por Armando Prado e tendo como meta fazer do museu, já estabelecido na sagrada colina do Ipiranga, um dos símbolos da verdadeira memória nacional. Uma história contada com base na reunião de telas e esculturas que, como registros históricos apoiados nas pesquisas do próprio Taunay (acerca das grandes personagens e dos mais célebres acontecimentos), testemunhariam a grandeza do passado nacional.

Portanto, tratava-se de um nacionalismo de base paulista (tão afirmado pelas produções historiográficas do IHGSP), legitimando a superioridade de São Paulo no presente da Primeira República. Foi aquele o momento em que o Museu Paulista se tornou alvo das atenções das elites políticas do Estado, nas proximidades do centenário da independência, como monumento que carregava em si mesmo o gesto fundador da nação brasileira, (BREFE, 2005, p. 106) autenticando as aspirações das camadas dirigentes do Estado pela liderança política da nação. Embora a própria escolha e distribuição das obras que compõem a exposição da história do Brasil – pelas escadas e salões do Museu – tivessem uma feição nacionalista, era conveniente sublinhar que nos fundamentos desse nacionalismo estavam as marcas de São Paulo.

Logo, cada um à sua maneira, Alfredo Ellis Jr., Alcântara Machado e Affonso Taunay contribuiriam com obras e ações históricas que firmavam a tradição do bandeirantismo na identidade paulista, identidade que teria outros colaboradores e novos narradores. Na contramão do ceticismo dos pensadores que, fundamentados em categorias deterministas como as de "raça" e "meio", viam a nação imensamente distante do nicho do mundo civilizado (principalmente, em razão da mestiçagem do povo, marcado pela "impureza" de raças "inferiores", casos de negros e índios), tais representantes da intelectualidade do período se empenharam em influenciar os rumos do país, reinterpretando o Brasil com perspectiva positiva, interessada não no que o país era, mas no que "poderia vir a ser". (DE LUCCA IN FERREIRA; DE LUCCA; IOKOI, 1999, p. 82)

Esse protagonismo atribuído a São Paulo, enquanto "berço esplêndido" dos bandeirantes, também trazia outras referências históricas, visto que, além

das bandeiras, São Paulo foi, também, por exemplo, a terra da proclamação da independência. Se o passado legitimava as aspirações políticas do Estado (ao menos como advogavam tais porta-vozes da tradição paulista), o presente autenticava essa condição, uma vez que, a partir da expansão da cultura cafeeira e do crescimento industrial, São Paulo estabelecia sua supremacia na vida econômica nacional.

Na narrativa irradiada pelas elites letradas de São Paulo, o país "gigante pela própria natureza" deveria se lembrar de que as benesses concedidas pela terra de nada valeriam sem o esforço desbravador de seus mais audaciosos antepassados. Logo, as honras da posse e da unidade territorial, assim como a realização das riquezas e do potencial nacionais, caberiam aos paulistas, cuja ufania se enuncia na própria insígnia do brasão de armas da cidade (definido por concurso público, em 1917), "não sou conduzido, conduzo", lema que muito bem caracterizava a pretensão das elites locais de tomar as rédeas políticas de uma nação feita, ao menos em seus escritos, segundo a sua imagem e semelhança.

Dessa forma, tais proeminente figuras do universo Letrado legitimavam a tradição em documentos históricos como testamentos, inventários, quadros, moedas, brasões etc., tendo em vista a sua firme afirmação diante de um processo de modernização que, naquela época, constituía na cidade um painel diverso e fragmentário de forças como os imigrantes de diversas origens, as classes médias, os grupos populares. A urbanização e a industrialização crescentes contribuía para o caráter cada vez mais fugidio de princípios, normas, valores morais e sociais do habitante de São Paulo. Logo, é especialmente contra as forças desagregadoras do presente que a "epopeia paulista" se levanta, ao mesmo tempo em que postulando uma "tradição paulista" que legitimasse a defesa de São Paulo como cabeça da nação.

De todo modo, para o que nos interessa nesses primeiros apontamentos, a identidade paulista, firmada no mito bandeirante, avança contra os infortúnios dos tempos modernos, da crescente urbanização e industrialização que constituem a cidade de São Paulo das primeiras décadas do século XX. Não obstante, a tentativa de levantamento da tradição paulista como expressão de uma cultura dominante que deveria se difundir pelas diferentes camadas da sociedade de Piratininga tão logo se chocaria com a nova ordem cultural da cosmopolita capital. Uma cidade cada vez mais marcada pela multiplicidade de grupos sociais, étnicos e culturais que, para ela, afluía ou que nela se chocavam e que tanto dificultavam o próprio reconhecimento daquela metrópole de variadas facetas econômicas e de tão colorido painel citadino. Uma metrópole de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém. Uma cidade reconhecida e estranhada em sua mais poderosa plataforma social: a rua.

[...] São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da

chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados. (SEVCENKO, 1992, p. 31)

Tamanha efervescência cultural precipitava nas pessoas a centralidade da cultura com base na ação coletiva, ritualizada, na superação do cotidiano e na explosão das sensibilidades e do emocional, em detrimento da estabilidade da tradição neoclássica liberal do século XIX, cuja racionalidade da palavra e da consciência já não mais davam conta daquela nova ordem das coisas, cujas referências estanques e contínuas acabavam por ruir ante as tensões de um tempo e espaço cada vez mais fragmentário.

Tal força da ação coletiva na metrópole em expansão – ritualizada em hábitos culturais reunidos sob a genérica designação de "diversões" – se desdobrava na incorporação gradual de novas práticas, isto é, práticas muitas das quais já vigentes desde a virada do século, mas que só então adquiriam um efeito catártico e, ao mesmo tempo, sinérgico, na promoção "de uma nova identidade e de um novo estilo de vida".

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito [...] toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas, como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, [...] ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade, toda semana (IDEM, p. 33).

É na tentativa de conferir as bases de identificação social a essa nova ordem desconexa que, por meio dos esportes, os cronistas esportivos vão buscar orientar e, ao mesmo tempo, aprisionar essas forças pulsantes e desestruturantes da cosmopolita São Paulo, sendo por isso fundamental a percepção de que essa tentativa de estabilizar aquele fragmentário mundo social, com base em uma identidade que era fruto do ajustamento constante e defensivo de uma tradição paulista, não poderia esconder sua própria fragilidade. Nada obstante, como não era possível domar tamanho ímpeto cultural e coletivo na vivência do "novo", o "processo hegemônico paulista" no futebol ainda assim exercia pressões e definia limites, na luta pela preservação dos valores culturais dominantes e suas representações de São Paulo, ainda que as rupturas e os desajustes fossem constantes e incontornáveis na complexidade dessa dinâmica cultural.

## **“Paulistas x cariocas nos gramados e nas crônicas sociais sobre futebol”**

A tradição identitária centrada no bandeirantismo e desenvolvida no curso do "processo hegemônico paulista" pelos homens de letras do IHGSP, da Academia Paulista de Letras e do Museu Paulista, seria difundida pelas obras literárias destes e de outros escritores, dentre as quais as crônicas, contos e romances publicados nas páginas dos grandes jornais de São Paulo. Tal "hegemônico paulista" ecoaria nas seções esportivas desses jornais, orientando, em muitas oportunidades, as próprias matérias e crônicas sociais sobre o desenvolvimento do futebol na cidade, nas primeiras décadas do regime republicano, ainda que os cronistas esportivos paulistas a disfarçassem por meio de um discurso, aparentemente, pacificador, como o expresso no título deste capítulo, que em nada condizia com a realidade de recorrente defesa da primazia de São Paulo no futebol brasileiro.

Uma São Paulo que vivenciava intensamente o surto das atividades esportivas desencadeadas no contexto da Primeira Guerra, tendo em conta o ressurgimento do desporto moderno em sua direta associação aos conflitos militares (como forma de preparação, condicionamento e coordenação do corpo). Tal avalanche esportista na metrópole era saudada pelas autoridades políticas e pela imprensa paulistas não só pela perspectiva de regeneração da raça, assim como pela premissa de disciplinarização dos comportamentos e das manifestações coletivas. É essa função social do esporte, como saudada pelos "homens de jornal", que deve ser vinculada ao seu impacto cultural no cotidiano paulistano, como destacou Nicolau Sevcenko: "a cidade não assistia ao esporte como um espetáculo isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz – ela não o vê de fora, ela se vê nele". (SEVCENKO, 1992, p. 60)

É nos escritos dos cronistas dos jornais do início do século XX que os esportes vão se constituir em assunto fecundo, ainda que nem sempre produtor de consenso quanto ao entusiasmo crescente que tais atividades despertavam, não só no seio das elites de São Paulo, como também na aristocracia carioca. Naquela altura, a crônica era ainda considerada um gênero menor e, por isso mesmo, inclinada às questões do cotidiano das cidades em formação, sensível às mudanças e permanências do viver urbano, retratando o imediato e o efêmero, e sendo, para grandes expoentes como Machado de Assis, Paulo Prado (João do Rio), Lima Barreto, Coelho Netto, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Alcântara Machado e outros, lugar de engrandecimento das pequenas coisas do dia a dia.

Vale lembrar que a crônica surge no Brasil ainda no início do século XIX, como decorrência dos populares folhetins, consolidando-se com base na fundação dos primeiros periódicos de grande circulação nas principais capitais brasileiras. Seu desenvolvimento se deu, *a priori*, nas páginas jornalísticas, como espaço de comentários de natureza pessoal e polêmica sobre temas do cotidiano dessas grandes cidades. (CAPRARO, 2007, p. 27)

Tal gênero se caracterizava por um conteúdo heterogêneo, disposto num formato enxuto e breve (de modo a gerar uma expectativa e interesse no leitor acerca da próxima leitura); por uma linguagem mais clara e sem tanto compromisso com os floreios típicos da erudição (uma vez destinada a um público mais amplo, sendo parte constituinte de um veículo de informação

popular como era o jornal), e pelo caráter provisório e contínuo que, comumente, não apresentava um desfecho, mas enunciava os elementos que comporiam as crônicas sucessivas.

Por assumir essa feição, a crônica social aproximava o cronista e o público, em uma relação nutrida muitas vezes pelos próprios comentários enviados ao jornal pelo leitor, seja para apoiar, criticar ou corrigir algo escrito na crônica anterior. É bem verdade que não era nada incomum os próprios cronistas e literatos fazerem as vezes do leitor, desencadeando, em algumas oportunidades, certas manifestações de insatisfação por divergências de pensamentos entre os pares. Que o diga Lima Barreto, que não tolerava as opiniões favoráveis aos esportes e, em particular, ao futebol:

Um articulista de "*O Jornal*", na edição de 31 do mês último, sob a epígrafe acima (Educação Física), faz longas considerações sobre o assunto, avançando afirmações que não devem passar em julgado. Sei bem que uma pessoa importante que se acolhe à sombra de um jornal importante, sem precisão de assinar o nome por baixo daquilo que escreve, não vai dar a mínima atenção ao que escrevo. Mas, para que não fique estabelecido que isso aqui é um país de néscios, animo-me a contestá-lo, apesar de tudo e da pouca valia de meu nome. Afirma semelhante senhor: "Todos os pedagogos, higienistas e filósofos que se preocupam com os problemas sociais, proclamam-na [a educação física] como útil e indispensável como o cultivo intelectual". Há nisto uma observação a fazer: se o articulista quer se referir a meninos e rapazes, estou de acordo com a sua generalização; mas se quer falar desses marmanjos que, à falta de outras habilidades superiores para atrair a atenção das damas se põem por aí seminus a dar pontapés numa bola, a esmurrarem-se e a soltar palavrões, eu protesto [...]. (BARRETO APUD LUCENA, 2003, p. 163)<sup>7</sup>

A posição de Afonso Henriques de Lima Barreto como o expoente dos combatentes do futebol, o "paladino do contra", no tocante aos discursos dos literatos sobre o desenvolvimento do futebol no Brasil, tinha a ver com sua compreensão do "jogo de pontapés" como mais uma prática correspondente ao modelo civilizatório europeu que era adotado pelas elites metropolitanas, ou seja, enquanto novo modismo para a afirmação de distinção social; instrumento antinacionalista (porque fomentador de rivalidades locais e regionais) e meio propagador de discriminação racial.

Por outro lado, havia um grupo de intelectuais que destoava dessa concepção pejorativa de futebol, ainda que o tom de seus discursos apresentasse claras diferenciações. É o caso de figuras mais equilibradas em suas opiniões sobre o esporte bretão, como Monteiro Lobato e Gilberto Amado

---

<sup>7</sup> Em certo sentido, a absoluta rejeição ao *football* por Lima Barreto vinha como desdobramento de sua trajetória de intelectual engajado, que fez do jornalismo uma plataforma para a expressão de sua indignação frente a difícil realidade de mazelas sociais enfrentadas pelo negro e pelo pobre. Eis aí um terreno oportuno para a crítica dirigida aos rumos que as elites republicanas davam ao novo regime, então caracterizado por governos oligárquicos e clientelistas que, por meio da coerção, promovia uma crescente opressão e marginalização social.

e mesmo de um árduo defensor do futebol, o literato Coelho Netto. É justamente por meio da crônica que será travado intenso debate sobre os padrões daquela civilidade europeia, e o futebol, em processo de popularização, cada vez mais se consolidava como preferência nacional.

Henrique Maximiano Coelho Neto, maranhense e literato mais conhecido do período anterior à Semana de Arte Moderna de 1922 – cujos romances eram os mais lidos da época e cujo prestígio no meio literário poder-se-ia notar, por exemplo, em seu papel de destaque como membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL) –, foi um dos radicais que viveram uma transição que marcou fortemente sua produção intelectual. De uma postura ativista e crítica ao regime escravocrata e mesmo, posteriormente, ao governo republicano de Floriano Peixoto, nas duas primeiras décadas do século XX seu envolvimento com a política, com base no exercício de cargos como o de Deputado Federal pelo Maranhão (em três mandatos) e mesmo de outras funções ligadas à educação e à cultura, representou uma acomodação em relação ao regime político vigente.

Tais fatos contribuíram para a formação do perfil conservador que viria a caracterizá-lo, no embate travado a respeito dos esportes entre os grandes literatos. Após se estabelecer, definitivamente, na então Capital Federal e, mais precisamente, numa residência vizinha ao clube mais representativo da elite carioca – o Fluminense –, Coelho Netto fazia jus à vida esportiva como praticante de diferentes modalidades em sua juventude e cada vez mais se enquadrava no estilo de vida de um *sportsman*. Como sócio do mais alto escalão do clube carioca, Coelho Netto se veria ainda mais imerso na paixão e defesa do futebol quando o esporte e, principalmente, o Fluminense, passaram a se tornar partes componentes de seu universo familiar, dado o envolvimento de seus filhos com a vida futebolística no tricolor carioca. As polêmicas no meio literário envolvendo os esportes e, mais especificamente em relação ao recorte temático proposto nesta tese, o futebol, tiveram na figura e na defesa muitas vezes exaltada de Coelho Netto, alguns de seus principais aspectos fomentadores.<sup>8</sup>

Outro intelectual admirador do futebol, o literato Gilberto Amado, em uma de suas crônicas sobre o assunto, mostrava-se um crítico ferrenho da gestão esportiva no Rio de Janeiro, dada a desorganização administrativa e politicagem que, a seu ver, caracterizariam os dirigentes dos principais clubes cariocas e da Liga Metropolitana. Como consequência disso, Amado lamentava as seguidas derrotas impostas ao selecionado carioca pelo paulista e, assim, inflamava a rivalidade entre as duas principais metrópoles do país, ao expressar sua indignação de que, mesmo no campo esportivo, a Capital Federal fosse posta a uma condição de inferioridade por uma simples “província”, ainda que fosse São Paulo:

---

<sup>8</sup> Um dos filhos de Coelho Netto, Emmanuel, jogador do Fluminense, conhecido popularmente como “Mano”, morreria, prematuramente, aos vinte e quatro anos, de forma trágica, dentro do gramado, após sofrer uma dura entrada do adversário. Isso marcaria profundamente a relação entre vida e obra de Coelho Netto, que manifestaria, através de seus textos, toda a sua dor e incompreensão diante de um destino tão injusto. Inclusive uma de suas obras fora dedicada ao filho (COELHO NETO, 1956). Por outro lado, caberia ao outro de seus filhos a seguir a carreira de futebolista, João, conhecido nos gramados pelo apelido Preguinho, o feito de marcar o primeiro gol brasileiro em uma Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai (Cf. CAPRARO, 2007, p. 92).

Realmente, afigura-se-me uma vergonha para a população da Capital reconhecer-se e proclamar-se, tão frequentemente, em situação de absoluta inferioridade a São Paulo. As constantes derrotas que os times paulistas infligem aos cariocas deveriam estimular o ânimo de nossos *sportsmen*, para que eles se convencessem de que, com a sua negligência, a sua desorganização, o seu descaso, perde a cidade do Rio de Janeiro, no seu prestígio de metrópole esportiva do Brasil, e mesmo nessa glória ornamental de vencer sempre, seja no que for. Afinal de contas, derrota é derrota, e, por menos orgulho que tenha o Rio, não lhe deve ser agradável ver-se abatido assim tantas vezes por uma cidade de província, ainda que seja São Paulo...

Quanto ao esporte, pelo que observo, o que nele domina é uma politicagem tremenda. A Liga Metropolitana é, ao que suponho, um dos lugares onde há mais rivalidade no mundo. A escolha dos jogadores não se faz pelo critério das competências, mas pelas simpatias pessoais, pelo interesse dos clubes, por diversos motivos mais ou menos alheios ao jogo propriamente. E faz-se a escolha quase sempre na véspera do “*match*”, de modo que não resta aos jogadores tempo para se prepararem convenientemente [...]

De maneira diversa procedem os paulistas. Orgulhosos, enérgicos, ciosos do nome paulista, eles não admitem que se lhes recuse no Brasil superioridade em coisa nenhuma: até no futebol. Por isso, toda vez que há um encontro marcado, eles selecionam, de antemão, os times, os sujeitam a um “*training*” rigoroso, a imprensa local incentiva os jogadores, e eles aqui chegam e vencem, com uma facilidade enorme. (AMADO In PEDROSA, 1968, p. 162-163)

Fato é que, nas primeiras décadas do século XX, as crônicas sociais sobre futebol debatiam a função social do esporte bretão e sua representatividade na sociedade republicana recém-implantada, numa perspectiva ainda de propagação do modelo de civilização oriundo da Europa, ao qual o futebol estava atrelado; uma perspectiva que perderia força nos debates literários após a popularização do futebol e a emergência do movimento modernista, fatores confluentes para que esse esporte ganhasse – nas páginas literárias e esportivas – os contornos de elemento constituinte da cultura nacional. Nesse segundo momento, da década de 1930 em diante, com base em nomes como Mario Rodrigues Filho, Thomaz Mazzoni, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego e outros, as crônicas esportivas relatariam o protagonismo do futebol na afirmação de uma identidade nacional brasileira, deslocando a discussão (não mais pautada no aspecto civilizador de sua prática) para assuntos que permeavam o universo futebolístico, nos grandes centros do país, tais como a questão racial e o profissionalismo do esporte.

De todo modo, aquela primeira caracterização do *football* – tomado como mais um elemento de civilização dos “*sportsmen*” – sugeria o estabelecimento de mais um espaço da “alta cultura” no viver urbano das metrópoles em formação no país. Todavia, para que se possa problematizar esse valor cultural determinado “de cima”, faz-se importante ter em conta a crítica de E. P.

Thompson, em "Costumes em Comum", quanto à "invocação confortável de um consenso" que acompanha o próprio termo "cultura", sendo necessária a sua consideração como uma "aldeia de elementos conflitivos", cuja dinâmica interior é marcada por seguidas negociações, conflitos e tensões, que só podem ser percebidas se o conjunto for compreendido em sua concretude, imerso nas relações sociais. (THOMPSON, 1998, p. 17)

É por isso que o futebol enquanto prática cultural no contexto estudado deve ser analisado como "produto e produtor da dinâmica social" (MACHADO, 2011, p. 25)<sup>9</sup>, constituindo-se, ao mesmo tempo, em uma expressão do modo de vida elitista das camadas dominantes, assim como um meio de expressão e luta para as camadas subordinadas, seja pela democratização do esporte, seja pela afirmação de valores culturais distintos e antagônicos aos das camadas dominantes.

Ao tratar dos "tempos áureos" do futebol em São Paulo (referindo-se ao curto período de 1902-1904, em que a Liga Paulista era caracterizada não só pela hegemonia do São Paulo Athletic, de Charles Miller, como pela rivalidade deste com o C. A. Paulistano pela conquista dos campeonatos locais), o célebre cronista Antonio Figueiredo narra as emoções dos jogos-desempate envolvendo as duas então principais equipes da cidade. Em tais encontros, o então diretor da seção esportiva d'*O Estado de S. Paulo* recordava o convívio das elites – que ocupavam as arquibancadas do Velódromo – com "a raia miúda" das gerais; da "gente fina", com a "gente da plebe", mesmo que em um ambiente esmagadoramente aristocrático que, não obstante, já assinalava a indesejável presença de outras personagens da vida paulistana. Porém, espaço no qual todos os assistentes – arrebatados pelas emoções da peleja – igualavam-se no descontrole palpitante, "descivilizado", de uma tarde de futebol.

Nos *matches* de desempate (Paulistano e *Athletic*) é que as emoções atingiam o auge. Ah! Os desempates! Que belíssimas, que vibrantes páginas de entusiasmo, de alegria, de desalento e de desesperação poderiam escrever os artistas da palavra. Não era tanto o jogo: era apenas a emoção que ele provocava. Dir-se-ia que todo aquele povo, naquele momento, perdia o siso por completo. Não havia meias medidas: abolia-se a sobreidade, e, por vezes, a compostura. Famílias das mais distintas requintavam na gritaria, clamando, implorando, incitando os

---

<sup>9</sup> Nessa direção reflexiva, o debate da "cultura" sob o prisma de Raymond Williams nos permite caminhar ainda mais criticamente nas crônicas do período. Para esse autor, a questão fundamental não é pensar e fazer a cultura *acima da* sociedade, e sim *na* sociedade. Ele se apropria da concepção mais antropológica, de "cultura" como modo de vida, e a aprofunda, a fim de defender que se trata de algo comum a toda a sociedade, compreendendo desde a "alta cultura" até os valores e significados que ordenam a vida comum, isto é, a "cultura" como constitutiva do processo social (WILLIAMS, 1979). Essa concepção nos ajuda a problematizar a própria visão elitista pretendida para o futebol, nas primeiras décadas do regime republicano no país. Uma vez que vigorava uma cultura dividida, de minoria, a proposta de exclusão das massas se estendia, como mencionado acima, ao futebol institucionalizado. Porém, não podemos esquecer que, esse mesmo esporte inglês, quando aqui desembarcou, foi, simultaneamente, forjado na cultura do cotidiano, pelos grupos menos abastados que se aventuravam na prática do "jogo de pontapés" (como diria Lima Barreto) e conquistavam, à duras penas, espaço na vivência daquele universo que as elites desejavam exclusivo.

jogadores. Nas gerais, a raia miúda expandia-se á vontade, com exclamações grotescas e ditos ferinos. os partidários de certos jogadores cerravam fileiras, 'entrincheiravam-se' para melhor incumbência dar à sua missão. Improvisavam-se desafios tremendos de torcedores. Entre eles, trocavam-se palavras ásperas, insultos doestos.[...] Debaixo desta medonha pressão, desta atmosfera carregada de hostilidades e imprecações, os filhos da Grã-Bretanha praticavam o seu *sport*, calmos, medonhamente calmos, olhos firmes na bola e nos quixotescos adversários. Um *goal*? Que era essa vantagem? Nada. Ainda havia um quarto de hora no primeiro tempo, trinta e cinco minutos no segundo! E, à última hora, quando os corações já batiam violentamente, a respiração de todas aquelas meninas se mantinha suspensa, e já se prelibava o espetáculo estupendo da vitória - a entrega da taça ambicionada, a *champagne*, os braços, as felicitações - quando Miller, o famigerado Miller, desmanchava todos esses prazeres extemporâneos, marcando os pontos para sua gloriosa *squadra*.

Estava consumada a brilhante prova *sportiva*. Desalento profundo. Tristeza imensa. Comentários a favor e contra os jogadores: "Se Tutu se colocasse em posição mais propícia... Se Guilherme não fosse tão afobado... Se Olavo interceptasse o fera do Miller! Que beleza o *goal* de Ibanez! Que sorte, os ingleses!" À saída do Velódromo, gente fina, gente da plebe, carros, automóveis, bondes, tudo saía num tropel. (FIGUEIREDO In NOBILING; CARDIM; FONSECA; FIGUEIREDO, 2014, p. 326-327).

Naquele contexto em que o *association* não mais se constituía como uma ilha de refinamento, a rivalidade decorrente das partidas entre paulistas e cariocas se fortalecia nas páginas impressas. Respondendo à já mencionada altivez do cronista do jornal carioca *O Imparcial*, Fantoche (em sua argumentação da superioridade dos cariocas no futebol do continente, "seguidos, a certa distância, pelos nossos distintos irmãos da Pauliceia"),<sup>10</sup> o redator do jornal paulistano *Capital*, Gavroche, retrucava com uma análise depreciativa do desempenho do selecionado do Rio nas partidas contra chilenos, portugueses e ingleses do *Corinthian*, no ano de 1913:

muito bem, eu, sendo delegado pela 'Capital', assisti a todos os matches internacionais. Vi os lusitanos, os Corinthians e os chilenos. Confesso – peço que não me levem a mal – que achei os *scratches* mal organizados, pouco treinados, com exceção do *scratch* que, brilhantemente, derrotou os chilenos por 6 *goals* a 1.

Não me culpem, repito, por esta franqueza.

Contra os lusitanos, os cariocas limitaram-se a um jogo feio, mal combinado, e por que não dizer – jogo de 2º team – que só não conseguiu adormecer a concorrência, porque o povo do Rio, inquestionavelmente, vibra muito mais que o povo paulista.

---

<sup>10</sup> *O Imparcial*, 11 de outubro de 1913, p. 10.

Contra os Corinthians, o *scratch* que o derrotou da primeira vez era muito inferior ao do último – parece incrível – e no entanto os cariocas foram derrotados.

Contra os chilenos, digo, a organização criteriosa do último *scratch* só merece louvores.

No entanto, isso tudo, nada prova da superioridade dos cariocas contra os nossos paulistas...

Não pense o Sr. Fantoche que os nossos jogadores são impecáveis, não, garanto-lhe até que são mais desobedientes e indisciplinados do que os cariocas.

Com relação ao número de vitórias paulistas, quer no Rio, quer em São Paulo obtidas pelos nossos jogadores, é problema resolvido: fazer um retrospecto e ficar com dores reumáticas.

Que o *scratch* carioca com dificuldade encontrará um competidor na América do Sul é uma tolice graciosa. Não faço apostas, porém, empenho a minha palavra, se a Liga Paulista organizar um *scratch*, como, amanhã, me manifestarei pelas colunas da 'Capital'; eu não só garanto a vitória dos paulistas, como tenho a certeza de que o ilustre Sr. Fantoche passará a fazer outro juízo dos jogadores paulistas. <sup>11</sup>

O detalhe é que as partidas entre paulistas e cariocas pela "Taça Rio x São Paulo", daquele ano, teriam a vitória dos guanabarininos. Para Gavroche, aquela disputa, criada por incentivo do jornal do Rio, *Correio da Manhã*, teria sido idealizada não para "colaborar para o triunfo do sport, e sim como uma verdadeira paixão, de carioca altivo e torcedor vermelho, ufano das glórias" <sup>12</sup> do selecionado de sua cidade. O triunfo dos cariocas, naquela ocasião, seria justificado pelo cronista paulista em virtude do selecionado de São Paulo não contar com os jogadores filiados à Liga Paulista de *Foot-ball*, àquela altura em litígio com a Associação Paulista de *Sports Athleticos* (APSA), as duas principais entidades esportivas de São Paulo.

À medida que as desavenças se acirravam entre os lados em disputa, os debates nas páginas dos jornais davam mostras de que o orgulho regional paulista, que estava em jogo nos gramados, em realidade apontava para uma querela mais ampla, a saber a qual cidade caberia a supremacia política e cultural do país. É nesse sentido, por exemplo, que o *sportman* paulista Mario Cardim,<sup>13</sup> em carta ao jornal carioca *O Imparcial*, <sup>14</sup> defende que a superioridade dos paulistas se devia ao próprio "adiantamento moral e material" do estado de São Paulo:

o Estado de São Paulo ocupa, no seio da Federação, pelo seu adiantamento moral e material, uma posição absolutamente singular.

A sua capital é, por sua vez, o reflexo das forças vivas do Estado e o que se dá com todos os outros elementos do nosso adiantamento, comparados com os dos demais departamentos

<sup>11</sup> *O Imparcial*, 8 de outubro de 1913, p. 8.

<sup>12</sup> *O Imparcial*, 8 de outubro de 1913, p. 8.

<sup>13</sup> Mario Cardim foi cronista n'O Estado de São Paulo e o tradutor das regras do *football association* no Brasil, em 1903. Ver: Franco Júnior (2007).

<sup>14</sup> *O Imparcial*, 20 de junho de 1916, p. 9.

da União, dá-se igualmente com o *sport*, que é hoje, entre todas as nações, considerado um dos índices do progresso.

Para que se possa chegar a compreender como o Estado de S. Paulo e a sua capital conseguiram sobrepujar o Estado do Rio e a capital da República, assim como outro qualquer departamento da União, em matéria de *sport*, é necessário fazer algumas considerações que demonstrem como este progresso *sportivo* está em íntima ligação com o progresso geral do Estado de S. Paulo. Preliminarmente a este propósito é bom lembrarmos os seguintes números:

- A exportação total do Brasil em 1915 foi de 1.022.634:00\$000. Para esta exportação São Paulo contribuiu com 465.212:904\$000, o que representa quase a metade da exportação total do Brasil...

A mesma disparidade que existe na parte financeira e econômica, existe na parte esportiva do nosso adiantamento, comparado com o restante do Brasil.

Senão, vejamos: O *football* foi introduzido no Brasil por São Paulo. Pode-se datar o seu aparecimento entre nós desde 1888, época em que foi fundado o São Paulo *Athletic Club*. Daí por diante, as associações de *football* do Estado de São Paulo e do Distrito Federal foram aparecendo na seguinte ordem cronológica <sup>15</sup>[Segue sequência dos clubes e datas]

[...] De 1897 até o ano de 1900, não se fundou, no Rio de Janeiro, nenhuma instituição de *sport* brasileira, ao passo que em São Paulo fundaram-se cinco. [...] A Liga regional mais antiga do Brasil é a "Liga Paulista de *Football*", fundada no ano de 1900. A 'Liga Metropolitana de *Sports Athleticos*' só apareceu oito anos depois da Liga Paulista.

As relações *sportivas* internacionais do Brasil foram iniciadas pelo Estado de São Paulo. Foi de São Paulo que partiu a primeira equipe brasileira que foi ao estrangeiro e, antes de qualquer outra liga do Brasil, a Liga Paulista de *Football* teve encontros com a "Asociación Argentina", "Liga Uruguaia de *Football*", "Corinthians *Football*" (Inglaterra), "Torino *Football*" (Itália), "Sul da África" e "Liga Chilena de *Football*".

Foi São Paulo o iniciador das relações interestaduais, com o encontro realizado em 1901, entre o *scratch* do Rio e o *scratch* de São Paulo.

---

<sup>15</sup> Eis a sequência apresentada por Mario Cardim: "Rio *Cricket and Athletic Association* (Rio), 1897; Associação *Athletica Mackenzie College* (São Paulo), 1898; *Sport Club* Internacional (São Paulo), 1899; *Sport Club Germania* (São Paulo), 1899; *Club Athletico Paulistano* (São Paulo), 1900; Liga Paulista de *Football* (São Paulo), 1900; Paysandu *Cricket Club* (Rio), 1902; Fluminense *Football Club* (Rio), 1902; *Club Athletico* Internacional (Santos), 1902; *Sport Club Americano* (São Paulo), 1903; *Football and Athletic Club* (Rio), 1903; Bangu *Football Club* (Rio), 1904; Botafogo *Football Club* (Rio), 1904; América *Football Club* (Rio), 1904; Associação *Athletica* das Palmeiras (São Paulo), 1904, Liga Metropolitana de *Sports Athleticos* (Rio), 1908". Nesse quadro dos clubes, há equívoco na data de fundação da A. A. das Palmeiras (que era de 1902), além do fato do *Sport Club Americano* ser da cidade de Santos e não de São Paulo. Também no que concerne as agremiações do Rio, há a inexatidão das informações a respeito da fundação do mais antigo deles, o Paissandu *Cricket Club*, cuja fundação remonta ao ano de 1892, embora a adoção do futebol como prática esportiva fosse realmente tardia (NOBILING; CARDIM; FONSECA; FIGUEIREDO, 2014).

Desde essa época até hoje São Paulo tem mantido sobre o Rio uma notável superioridade de vitórias [...].<sup>16</sup>

Com o perdão da longa, porém significativa, citação, o *sportsman* e cronista Mario Cardim procura se valer de dados estatísticos não tão precisos, a fim de defender a prevalência de São Paulo no cenário esportivo nacional, assim como na vida econômica da nação. Nota-se, em sua carta, a referência ao debate em torno da posição não apenas de supremacia no presente, como na própria história recente do futebol *association* no Brasil, revelando que o antagonismo se exprimia, também, em uma disputa de memória, ainda que uma memória oficial do esporte.

Os cronistas cariocas reagiriam com indignação a tais argumentos, advertindo seus conterrâneos da Liga Metropolitana de que não admitiriam um novo triunfo paulista no confronto daquele ano, pois se constituiria em um "*vergonhoso fracasso*" para a capital da República:

São Paulo é um adversário respeitável e, se o não batermos ainda dessa vez, que nos console, ao menos, a constatação de termos preparado perfeitamente o Rio para o embate, tirando partido de sua máxima potência.

A Liga Metropolitana que ponha a pastos os seus técnicos.

Com a breca: os paulistas não podem vencer ainda este ano...

A Liga deve organizar dois combinados à altura e pô-los a treinar imediatamente [...]

A comissão de '*football*' conta presentemente com mais um técnico de real competência, que muito lhe servirá para as providências a tomar.

Que ela se afaste do clubismo e se mova sob o sentimento coletivo de carioquismo. <sup>17</sup>

No entanto, nem mesmo os constantes reveses sofridos pelo escrete carioca arrefeciam o entusiasmo de seus torcedores, a ponto de serem descritos pelo *Correio da Manhã* como um "público neurótico", que vibrava, enlouquecidamente, com seu selecionado. <sup>18</sup> Esse mesmo "louco entusiasmo" seria também motivo de preocupação para a Liga Metropolitana, que, em 1918, em virtude dos conflitos verificados nos jogo entre cariocas *versus* paulistas, viu-se obrigada a imprimir dez mil folhetos para serem entregues nos dias de jogos interestaduais, com "observações e conselhos sobre o jogo de *football*", de maneira a se evitar "os incidentes verificados com frequência" durante os encontros dos selecionados dos dois estados. <sup>19</sup> Naquele mesmo ano, incomodados pela força da rivalidade regional que emergia dos campos e tomava conta da cidade, alguns cronistas cariocas iniciaram uma campanha contra o que consideravam um "bairrismo tolo" dos paulistas, que ameaçavam

---

<sup>16</sup> *O Imparcial*, 20 de junho de 1916, p. 9. Nas referências levantadas por Mario Cardim está, também, incorreta a data de fundação da Liga Paulista de *Football* (entidade criada em dezembro de 1901 e cujo primeiro campeonato se realizara em 1902). (NOBILING; CARDIM; FONSECA; FIGUEIREDO, 2014).

<sup>17</sup> *Correio da Manhã*, 15 de agosto de 1915, p. 5.

<sup>18</sup> *Correio da Manhã*, 19 de agosto de 1917, p. 4. e 23 de agosto de 1917, p. 6.

<sup>19</sup> *Correio da Manhã*, 4 de julho de 1918, p. 4.

a harmonia e unidade esportiva nacional no Campeonato Sul-Americano de Futebol, que seria disputado no Rio, em 1919:

[...] É preciso que os paulistas, que só veem São Paulo e o que é paulista, se convençam de que a sede da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é no Rio de Janeiro e que o campeonato sul-americano vai ser disputado por nacionalidades e não por ligas regionais.

[...] Somos filhos de uma única Pátria, de uma Pátria que contém sob cores de uma mesma bandeira Rio e S. Paulo.

[...] Basta de bairrismo tolo! <sup>20</sup>

Não obstante, os mesmos cronistas de Rio e de São Paulo, que reclamavam o fim das desavenças nas páginas esportivas – em uma campanha pela unidade esportista nacional – viam-se tomados pelo sentimento regionalista, que sobrepujava o próprio discurso pretensamente pacificador:

com que fim estes órgãos de publicidade da vizinha capital amesquinham o *football* carioca? Qual o benefício que isto lhes traz?

Ao contrário; com o ser disparatada esta campanha que só concorre para deslustrar os vencedores de gente tão maltratada em seu valor *athletico*, ela ainda vem produzir um mal cujas consequências nefastas são difíceis de calcular na extensão a que chegarão forçosamente um dia. Sim; dia virá em que os ódios *sportivos* entre paulistas e cariocas redundarão nas cenas mais condenáveis nos campos de luta e tornarão impossível, a bem da ordem pública e do *sport*, o prosseguimento de jogos entre os quadros das duas cidades [...]. <sup>21</sup>

Para o cronista do jornal guanabarrino, a campanha difamatória dos cariocas e fomentadora da rivalidade regional tinha um artífice muito destacado na imprensa paulista, Antônio Figueiredo.

Convém que os *sportsmen* de São Paulo e os cariocas reajam energicamente contra essas pessoas que, dirigindo seções *sportivas*, procuram criar a animosidade entre filhos da mesma bandeira [...]

Voltemos às relações de perfeita amizade, à cortesia de tempos atrás. Rasguemos e votemos ao desprezo crônicas em que colheradas de rancor são atiradas no negro painel de ódio, alimentado e nascido pelo braço satânico do Sr. Figueiredo, que, para a desgraça do *sport* nacional e em detrimento do seu progresso, tomou conta da seção *sportiva* da edição da noite de um dos mais reputados e acreditados órgãos da imprensa brasileira [...]

<sup>20</sup> *Teatro e Sport*, 16 de fevereiro de 1918 (Apud PEREIRA, Op. cit., p. 161).

<sup>21</sup> *Correio da Manhã*, 11 de abril de 1918, p. 6.

Cariocas e paulistas precisam distinguir essas reações provocadas por determinados indivíduos das causas coletivas do *football* de S. Paulo e Rio.

Se, agora, fazemos referência a alguns pontos de recentes comentários do "Estadinho", publicados, ontem, pelos jornais da tarde, sobre o encontro Paulistano e Fluminense, é no intuito de patentear, ainda uma vez, o grau de incompetência *sportiva*, de irascibilidade, de cariocofobia a que atingiu a esse rapaz, tão bem recebido pelos seus colegas de imprensa do Rio e que a retribui com a escória dos adjetivos e frases componentes do seu repertório.

Convém que os paulistas não deixem de fazer justiça à atitude dos cariocas por lerem o cândido Figueiredo... <sup>22</sup>

Aos distintos *sportsmen* da pauliceia, o conselho era para que não se contaminassem pela "cariocofobia" que dominava o ilustre diretor da seção esportiva do "Estadinho". Com a temporada esportiva a se iniciar, em 1918, convinha aos homens de jornal das duas capitais olharem para trás, para um passado não tão distante, em que "clubs cariocas e paulistas trocavam recepções com o esvoaçar de alvas pombas, alviçareiras da amizade pura" em uma digna saudação em honra aos visitantes. É claro que esse quadro de harmonia pintado no texto não fora sempre o predominante no contexto das partidas interestaduais, mas cronistas de São Paulo como Antonio Figueiredo procuravam fazer desses encontros pretextos para a defesa do regionalismo de São Paulo.

Poder-se-ia atestar as razões de tamanha animosidade em relação à figura de Antônio Figueiredo, pelo próprio conteúdo das obras do cronista *d'O Estado de S. Paulo*. Em *História do Football em São Paulo* (1918), Figueiredo – embora se concentre numa narrativa oficial das partidas promovidas pela Liga Paulista de *Football* (LPF), bem como de sua dissidente e sucessora, a Associação Paulista de *Sports* Atlético (APSA), apresentando um recorte histórico dos jogos como espetáculos da cidade de São Paulo – também se caracterizaria pelo propósito de reafirmar o pioneirismo paulista na história do futebol nacional, alimentando o sentimento bairrista, às vésperas do Sul-Americano de 1919.

No intento de advogar tal superioridade, Antônio Figueiredo dedicaria dois capítulos do livro a tratar de confrontos interestaduais São Paulo *versus* Rio, rememorando, dentre outros, as partidas entre os selecionados pela Taça Correio da Manhã, com larga preponderância paulista. Essa primazia esportiva de São Paulo é demonstrada pelo cronista por meio da primeira liga de clubes do país, organizada pela LPF, em 1902 (antes do ocorrido no Rio de Janeiro), e pelos resultados das disputas envolvendo selecionados e clubes dos dois centros, que, nos primeiros anos do século XX, já mobilizavam a vida das cidades e extrapolavam o universo esportivo, adquirindo representação política:

naquele período (década de 1910), a rivalidade regional estava aguçada. Era mais do que uma disputa esportiva entre duas grandes cidades, interligadas por ferrovia. Para os paulista,

---

<sup>22</sup> *Correio da Manhã*, 11 de abril de 1918, p. 6.

desafiar os clubes da capital federal era um modo de obter projeção política em âmbito nacional. Os jogos anuais entre as seleções estaduais de futebol atraíam pequenas multidões aos estádios e ajudavam a alimentar os sentimentos bairristas. (GAMBETA In NOBILING; CARDIM; FONSECA; FIGUEIREDO, 2014, p. 27, grifo nosso).

Sobre o registro do primeiro jogo interestadual, o autor – recorrendo a informações divulgadas pelo Fluminense F. C. – traz detalhes sobre a organização da partida, disputada em São Paulo, a 19 de outubro de 1901, com destaque para a presença das duas pioneiras figuras na implantação do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro, os *sportsmen* Charles Miller e Oscar Cox, respectivamente.

O primeiro jogo interestadual efetuou-se em São Paulo, a 19 de outubro de 1901, justamente um mês antes da fundação da Liga Paulista. [...]

Achando-se Oscar Cox, certo dia, a conversar com Victor Etchegaray e A. R. L. Wright, dois personagens a quem o *football* do Rio também muito deve, veio-lhes à lembrança uma excursão *sportiva* a São Paulo, atendendo ao resultado feliz conseguido pelo *team* brasileiro, o que representava uma garantia contra qualquer fiasco no Estado vizinho. O pretexto, além do mais, serviria para proporcionar aos jogadores uma visita aos progressos materiais que eram introduzidos na adiantada capital, progressos que corriam fama no Rio. Estava-se em meados de outubro de 1901. Para este empreendimento foi trocada correspondência, por iniciativa do Rio, entre Oscar Cox e René Vanorden, este da parte de São Paulo. Tratava-se de saber as condições em que a visita poderia ser levada a efeito e as datas respectivas. [...]

Em São Paulo, os que mais se interessaram pela iniciativa foram notadamente os Srs. Antônio Costa, membro do *Sport Club* Internacional, o qual fora companheiro de colégio de Oscar Cox, em Lausanne; Ibanez Salles, do *Club Athletico* Paulistano [...]; René Vanorden, do *Sport Club* Internacional; H. Nobiling, do *Sport Club* Germania; Charles Miller, Fox Rule e Boyes, do São Paulo *Athletic*. [...]

Gente que nunca fora aos campos, ouvindo falar em luta entre cariocas e paulistas, ocorreu ao terreno do São Paulo *Athletic*, local em que se efetuaram ambas as provas. Estava semeado o estímulo.

[...] A comitiva seguiu no noturno de 18 de outubro de 1901, chegando a São Paulo a 19, data em que disputou o primeiro encontro. Jogou o segundo no dia seguinte. Em ambos verificaram-se empates, respectivamente, por 0 a 0 [na verdade, 1 a 1] e 2 a 2. [...] Como era de se prever, o sucesso da visita a São Paulo foi completo e, no próprio dizer dos paulistas, "foi o fator que maior incremento deu ali ao *football*".<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Os dois selecionados estavam escalados da seguintes forma: Rio de Janeiro: *goalkeeper*, Schuback; *backs* M. Frias e L. Nóbrega; *halfbacks* O. Cox, A. Wright e Mc. Culloch; *forwards* F. Walter, H. Santos, Eurico de Moraes, Julio de Moraes e Felix Frias. São Paulo: Holland,

O paulista Charles Miller, filho de pais ingleses, foi encaminhado à Inglaterra para avançar em seus estudos, no ano de 1884. Segundo Thomaz Mazzoni, foi no país de origem de seus pais que Charles Miller se tornaria um jogador amador, defendendo a equipe do Southampton. No ano de 1894, Miller regressou à São Paulo, trazendo, em sua bagagem, duas bolas de futebol que lhes foram presenteadas após as partidas em que atuava, como centroavante, pelo selecionado do condado de Hampshire contra o Corinthian e, depois, contra o condado de Sussex. Suas boas atuações nesses prélios lhe renderam também o convite para integrar a equipe do Southampton. (MAZZONI, 1950, p. 18)

Em uma curta biografia, enviada pelo próprio Charles Miller ao jornal *A Gazeta Esportiva*, estão contidas informações do primeiro jogo, organizado por ele, na cidade de São Paulo:

realizamos o primeiro ensaio em terras brasileiras, no ano de 1895, e, precisamente, na Várzea do Carmo, nas proximidades da rua do Gasômetro e Santa Rosa. Para isso, reuni um grupo de ingleses da Companhia de Gás, London Bank e SPRE, interessante lembrar que essa primeira tentativa foi efetuada com a bola que serviu para o jogo disputado em 1894, em Southampton, e me fora presenteadada por um companheiro do selecionado, que mais tarde ocupou a presidência da Liga de Futebol da Inglaterra. (IBID)

O primeiro clube a incorporar o futebol em suas atividades no Brasil foi o São Paulo Athletic Club (que mandava seus jogos no campo da Chácara Dulley, no Bom Retiro, nas proximidades do Jardim da Luz), fundado, em 1888, pelos trabalhadores ingleses da São Paulo *Railway* (companhia ferroviária), dedicando-se ao desenvolvimento do *cricket*. Foi por intermédio de Charles Miller que o clube passaria a apresentar um time de futebol, visto que Miller integraria o corpo de funcionários da Companhia, de 1894 a 1898, na seção de almoxarifado.

O também cronista d'*A Gazeta Esportiva*, Paulo Várzea, foi um dos importantes fixadores dessa espécie de "mito das origens" do futebol nacional (em sua história oficial), com o protagonismo atribuído aos estudantes Charles Miller e Oscar Cox. Sua pesquisa sobre a gênese do futebol no Brasil teria alguns trechos citados por Mazzoni. Nos excertos, Várzea sublinhava a figura de Oscar Cox, no caso do desenvolvimento do futebol no Rio, muito embora, no intuito de destacar não só a precedência, como o mais rápido desenvolvimento do futebol paulista:

no Rio o futebol já se libertara daquele exclusivismo em que era mantido pelos quadros Paissandu e Rio *Cricket*, para ser liderado por brasileiros, estudantes e empregados do comércio, tal qual sucedera em São Paulo em 1899, particularmente pelos Etchgaray, os Brias, os Morais etc [...]

---

Nobiling, Boyes, Ibanez Salles, Charles Miller, Jeffrey, Antonio Casemiro da Costa, Mass, Boyes, René Vanorden e Savoy (Cf. FIGUEIREDO In: NOBILING; CARDIM; FONSECA; FIGUEIREDO, 2014, p. 285-286).

Orientava-os Oscar Cox, aquele infatigável propugnador do jogo ali. Mas os cariocas continuavam na fase inicial de 1896, de São Paulo.

Enquanto a Pauliceia já dispunha de 5 clubes, no Rio, o futebol era praticado por simples quadros, meros grupos de adeptos que não chegavam a constituir-se em clubes. Em 1900, apenas 3 quadros cultivavam futebol na terra carioca, um em Niterói e dois no Distrito Federal. Verdadeiramente aptos à prática do jogo existiam apenas dois quadros, um composto de elementos do Rio *Cricket*, sediado em Icaraí, no qual figuravam alguns Cox (parentes de Oscar) e, outro, sediado no Distrito Federal, constituído de elementos nacionais, que o denominavam de Fluminense “*Team*”.

Quando, na Pauliceia, já se realizavam vários jogos interclubes, no Rio, o futebol se limitava a partidas espaçadas, jogadas no campo do Rio *Cricket* e do Paissandu, este transformado no primeiro campo realmente carioca, tanto que foi ali que os paulistas, em outubro de 1902, jogaram suas primeiras partidas no Rio.<sup>24</sup>

Fato é que o antagonismo dos paulistas aos cariocas – acerca da primazia nos primeiros anos do *association* – fora, muito antes, alimentado por “homens de jornal” como Antonio Figueiredo que, em sua clássica obra, *A História do Football em São Paulo*, após apresentar as informações sobre os primeiros *matches* interestaduais disputados na capital paulista, levantava a capciosa questão sobre a quem caberia a precedência na prática do futebol *association* no Brasil:

o *football*, pois, é mais antigo aqui ou no Rio?

Averiguando-se com cuidado, parece que ele surgiu quase na mesma ocasião, nas duas cidades. O *football* só existiu em São Paulo depois da fundação do Mackenzie e do Internacional (1899), visto o *Athletic* (São Paulo *Athletic Club*), que o praticava raramente, não o popularizar; ao passo que, no Rio, o Sr. Oscar Cox já tentara introduzir esse *sport* muito antes, em 1897. Convém esmiuçar bem o caso, porque, ultimamente, vários jornalistas cariocas e alguns paulistas, para justificar a nossa incontestável supremacia, alegam que São Paulo é que introduziu o *football* em São Paulo. Estimamos que isso não é rigorosamente verdade; esse *sport* foi introduzido, tanto em São Paulo e Rio de Janeiro, sem que nenhuma das cidades se deixasse influenciar uma por outra. O que, em São Paulo, se assinalou desde logo, foi um certo espírito de associação, o que não se deu na capital do país. [...]

Examinando pela rama, parece que foi São Paulo [o pioneiro]. Mas, sabe-se, porventura, se os ingleses, na capital da República, não jogavam o *football* muito antes daquele grupo de moços? Enquanto não se fizer uma história completa do futebol dali, não é possível tornar claro este ponto. [...]

Diminuímos, com esta dúvida, o valor *sportivo* de São Paulo? Por certo que não. Pelo contrário: aumentávamos. Se se provar

<sup>24</sup> VÁRZEA, Paulo. *A Gazeta Esportiva*, 04 de maio de 1942. (MAZZONI, 1950, p. 24).

que no Rio o *football* foi praticado pela vez primeira, só temos que nos honrar com o fato, pois progredimos mais, muito mais que os cariocas. [...] A superioridade, que, logo, adquirimos, foi na organização. Parece mentira: ainda há pouco, o argumento contra nós, da Liga Metropolitana (do Rio de Janeiro), era a de que não possuíamos organização séria, e que os *clubs* daqui eram amontoados de *sportsmen*, peritos é verdade, mas que não tinham campo fixo e sede. É que, no Rio, só seis anos mais tarde conseguiram, com grandes esforços, o que tínhamos realizado em três anos de trabalho. Decaimos; nesse período, os cariocas se levantavam lentamente e se tornavam uma força. Depois, quando acordamos do letargo em que jazíamos, recuperamos o perdido, e hoje, em matéria de organização, não ficamos, graças a Deus, a dever nada ao Rio de Janeiro. (FIGUEIREDO In NOBILING; CARDIM; FONSECA; FIGUEIREDO, 2014, p. 286-287, grifo nosso)

Para comprovar a superioridade paulista, Antônio Figueiredo apresentaria um levantamento de dados reunindo os resultados dos jogos interestaduais disputados até 1918, em que alternavam-se vitórias (em muito maior número) e derrotas dos clubes e combinados de São Paulo. O cronista lembraria ainda do início dos confrontos pela Taça Rio *versus* São Paulo, ocasião em que, segundo ele, verificava-se, na imprensa da cidade de São Sebastião, certo convencimento de que o futebol da Guanabara havia superado o de seu antagonista, com base nos últimos triunfos conquistados por Fluminense e América sobre Paulistano e São Bento, respectivamente. Os cronistas de São Paulo interpretavam como atrevimento e presunção as opiniões que vinham do Rio, lamentando o aparente declínio do futebol paulista:

a imprensa trombeteava que o Rio passava para a vanguarda do *football*, e, no seu contentamento, exagerava o valor dos players campeões. Principiaram a aparecer os heróis. Fulano, o melhor *goalkeeper* do Brasil; Beltrano, o melhor *half*; Sicrano, o estupendo e inigualável *forward*.

Censurar esses excessos será tolice. Tinham que se registrar mesmo, dada a nossa residia, a nossa falta de disciplina, e a nossa má compreensão dos deveres esportivos. Os vitoriosos, mesmo que efêmeros, não são capazes de render justiça aos vencidos. Ora, o que se notava era este fenômeno triste para nós: em virtude da nossa desorganização, das nossas mazelas, surgiam os nossos adversários esportivos com mais coesão, mais disciplina, e mais jogo. Lógico, por conseguinte, os destemperos, os desvairamentos dos cronistas partidários dos vencedores. (IDEM, p. 399-400)

Para Figueiredo, era de muito mais valia ressaltar o outro lado da moeda. Os *matches* realizados entre os escretes da Liga Metropolitana e da APSA haviam contribuído muito para o "ressurgimento" do futebol em São Paulo, não somente mobilizando a cidade, como despertando os *sportsmen* locais do sono letárgico em que se encontravam, principalmente, após a cisão

esportiva que levaria à criação da APSA. O "trombetear" da imprensa de São Sebastião serviria para mexer com os brios da turma de Piratininga.

Bem entendemos: os homens, que assim menosprezavam o nosso progresso, esqueciam-se de que, nos anos anteriores, as vantagens só foram para o nosso lado. Enfim, paciência, e não os recriminamos. Antes, devemos agradecê-los pelos favores que nos prestaram. Sim, prestaram-nos, os desbragados jornalistas do Rio, relevantíssimos serviços. As suas notícias, as suas comparações descabidas, os seus comentários tendenciosos, os seus artigos laudatórios fizeram com que todas as energias adormecidas se despertassem. (IDEM, p. 400)

Em 1915, com a supremacia da A. A. das Palmeiras no campeonato da APSA, o clube da Floresta praticamente ditaria os parâmetros para formação do combinado paulista e, tamanha interferência, motivaria a desistência de vários jogadores, dos principais clubes, em compor o escrete da cidade contra os cariocas. Mesmo jogando desfalcado, a vitória, em casa, por um gol de diferença contra o selecionado do Rio, seria suficiente para desatar um exagerado otimismo nos *sportsmen* paulistas:

fomos felizes, pois, apesar do desfalque de *footballers*, que, aliás, faziam muita falta. O *team* carioca, que vinha disposto para a revanche, perdeu pela diferença de um ponto. Os diretores das sociedades paulistas exultaram: uma bofetada nos campeões! Exultaram descabidamente: aqui, tudo nos favorecia. E para a prova de que a nossa fraqueza era manifesta, bastava ver o resultado. A teimosia de certos paredros teve o seu castigo no segundo *match*, efetuado no campo da Rua Guanabara, sem público, sem estímulo, sem nada. Assinalou-se a nossa primeira derrota, pelo *score* de 5 a 2. Para a Metropolitana, constituiu um feito formidável, que, como de praxe, foi cantado em prosa e verso. (IDEM, p. 402-403)

A má impressão deixada pelo elástico placar em favor dos cariocas começaria a ser revertida com a reintegração dos jogadores dos clubes de São Paulo que ficaram de fora das duas primeiras partidas. Resultado: um acachapante 8 a 0 que, nas palavras de Figueiredo, "mereceria um capítulo longo, entrecortado de elogios. 8 a 0! Ficou célebre este match. Hoje mesmo, os fluminenses o recordam, com amargura". (IDEM, p. 403)

Já no ano seguinte, a nova goleada de 5 a 0, em favor dos paulistas, levantaria reclames na imprensa guanabarina, ao que o autor retrucava: "começou a figurar, nas folhas do Rio, o estribilho: 'os paulistas só vencem nos seus campos'. Como, se os cariocas tivessem vencido alguma vez, depois da Taça Correio da Manhã". (IBID) Não obstante, o selecionado bandeirante venceria a última partida pela referida Taça, em pleno Rio de Janeiro, pelo placar de 3 a 1, no que Antônio Figueiredo descreveria como "belo fecho" para o torneio interestadual.

Não apenas as ácidas palavras como a própria trajetória tornam a figura de Antônio Figueiredo tão expressiva e singular, naquelas primeiras décadas de futebol em Piratininga. A biografia do cronista d'*O Estado de São Paulo*

chama a atenção por sua origem familiar humilde e pelo profundo vínculo da família Mesquita (a começar pelo proprietário d'O Estado de S. Paulo, Júlio Mesquita) com Antônio e seu irmão Ricardo Figueiredo, que militariam juntos nas páginas do jornal:

Antônio dos Santos Figueiredo (1892-1942) nasceu no bairro paulistano da Consolação, numa família de trabalhadores portugueses chegada ao Brasil poucos anos antes. Na infância ele morou em ruas próximas ao cemitério, na Pedro Taques e na Bela Cintra, as quais ainda não tinham calçamento, e eram habitadas por imigrantes e descendentes de escravos. Seu pai, Ricardo dos Santos Figueiredo, um modesto operário-marceneiro, morreu quando ele tinha sete anos, mas influenciou a postura política dos filhos: eles se declaravam "socialistas revolucionários". A mãe, Maria dos Santos Figueiredo, conseguiu matricular o pequeno Antonio no externato que os presbiterianos da Escola Americana ofereciam às crianças pobres, no qual o irmão mais velho já estudava. Eles não se misturavam aos alunos internos, os filhos de famílias ricas, que treinavam futebol no campo do colégio e podiam almejar fazer parte do célebre time da *Associação Athletica Mackenzie College*. (IDEM, p. 24-26)

A origem humilde de Antônio Figueiredo e a discriminação sofrida no externato embora o impedisse de atuar no time do Mackenzie, não o pedia de aprender a jogar bola, com os amigos, de modo a começar a jogar no infantil do *Sport Club Internacional*. Não obstante, sua carreira como jogador tão logo seria preterida pela carreira jornalística, que tanto o notabilizaria:

suas experiências como jogador não foram adiante, pois, aos 15 anos, começou a trabalhar como revisor na redação d'*O Estado de S. Paulo*, em 1907. Seu irmão, Ricardo Figueiredo, cinco anos mais velho, o antecedeu na carreira, foi seu chefe no setor de revisões e chegou à direção do jornal. Antônio seguiu o irmão, trabalhando como jornalista, sempre no mesmo periódico, até falecer aos 50 anos de idade. Em 1916, formou-se pela faculdade de direito do largo São Francisco, proeza rara para estudantes de origem humilde. É provável que para tanto tenha contado com o apoio do proprietário do jornal, Julio de Mesquita, a quem Antônio se referiu com grande devoção nas memórias que publicou, em 1933.

Ao que parece a família Mesquita tinha especial apreço pelos irmãos Figueiredo. Ricardo, o mais velho, foi o homem de confiança dos donos, ele entrou para o jornal como aprendiz de tipógrafo, aos 13 anos de idade, e faleceu quando ocupava o cargo de gerente executivo, em 1935. Tudo indica que a decisão de publicar uma história do futebol paulista partiu de encomenda feita pelos chefes ao irmão mais novo, o então jovem jornalista Antônio Figueiredo, pois o livro foi editado, divulgado e vendido pelo próprio jornal. (IBID)

*O Estado de S. Paulo*, por meio da família Mesquita, seria um dos grandes atores na defesa da Liga Paulista de *Football* contra os desertores da

Associação Paulista de *Sports* Atléticos (APSA), essa última filiada à Liga Metropolitana de *Sports* Atléticos (LMSA), do Rio de Janeiro. O movimento esportivo de cunho regionalista reclamava a primazia de São Paulo na administração dos esportes nacionais, o que levaria, dentre outros fatores, à fundação da Federação Brasileira de *Football* (FBF). À frente do grupo fundador estavam os jornalistas Mario Cardim, Luiz Fonseca e Júlio de Mesquita Filho, "na esperança de centralizar o comando do futebol nacional em São Paulo e contestar a filiação da liga rival (APSA) ao futebol carioca". (IBID) A iniciativa do movimento seria frustrada pela intervenção do então ministro das relações exteriores, general Lauro Muller, apoiando a Liga Metropolitana de *Sports* Atléticos e organizando a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1916, confirmando o Rio de Janeiro como centro das decisões esportivas nacionais, em detrimento da FBF, apoiada pelos Mesquita, que seria extinta junto com a Liga Paulista de *Football*.

Antônio Figueiredo lamentou o desfecho do imbróglio no campo esportivo com o surgimento da CBD e a frustração da iniciativa de Mario Cardim: "São Paulo, com a força que era a Associação e com o prestígio que era a Liga, impor a sua vontade, e não teria hoje de submeter-se às ordens de uma entidade, aonde não tem representantes verdadeiramente seus".<sup>25</sup>

Entretanto, o mesmo Figueiredo demonstrou que fazer prognósticos não era sua maior virtude. Assim como ocorreu com a profecia frustrada de Graciliano Ramos a respeito do fim do futebol no Brasil,<sup>26</sup> Antônio Figueiredo também errou feio em sua predição da "morte" da rivalidade dos paulistas com os cariocas, quando, ainda em 1918, previu o progressivo reconhecimento da supremacia paulista por parte dos vizinhos de Estado:

As rivalidades entre São Paulo e Rio, é certo, e já o fizemos notar quando tratamos da Taça Correio da Manhã, concorreram para esse aperfeiçoamento, para essa esplêndida educação. Tendem a desaparecer, todavia, as rivalidades, porque os nossos antagonistas lógicos (os do Rio), aos poucos, foram se convencendo da nossa superioridade, formada eloquentemente em *matches* memoráveis. (IDEM, p. 27)

Portanto, o regionalismo paulista, nutrido nas páginas esportivas dos jornais de São Paulo, em meio às partidas interestaduais, sofreria alguns ajustes decorrentes da popularização do futebol e da crescente participação

---

<sup>25</sup> IDEM, p. 27.

<sup>26</sup> O jornalista e literato Graciliano Ramos, escrevendo para um pequeno jornal de sua cidade natal, Palmeira dos Índios, no Alagoas, sob o pseudônimo de J. Calisto, ignorava a popularização do futebol, argumentando com doses cheias de ironia que o futebol se tratava apenas de mais um modismo de vida curta em nossa sociedade: "pensa-se em introduzir o futebol, nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente. Com exceção talvez de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês. ... Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham a certeza". Graciliano Ramos (sob o pseudônimo J. Calisto), crônica publicada pela primeira vez em "o Índio", Palmeira dos Índios (AL), 1921. (APUD JESUS, 1998).

brasileira em competições internacionais. O afã de afirmação da paulistanidade por parte dos cronistas daquela capital não impediria que a vivência das primeiras conquistas do futebol brasileiro no cenário internacional (como o Sul-Americano de 1919) fossem marcadas pela prevalência dos rincões nacionalistas, principalmente, por parte daqueles que, ao “rês do chão”, impulsionavam o vigor do sentimento nacional: os torcedores.

### **Referências Bibliográficas**

ABUD, Katia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante)*. 1985. 342f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. A ideia de São Paulo como formador do Brasil. In: FERREIRA, Antonio Celso, LUCCA, Tania Regina de e IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

AMADO, G. In PEDROSA, M. *Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP / Museu Paulista, 2005.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. 2007. 381f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná (UFP), Curitiba.

COELHO NETO, Henrique. *Mano, Livro da Saudade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 1996.

FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopeia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: UNESP, 2002.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. *Futbol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad*. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, Ano III, n. 10, maio 1998.

LEME, P. T. de A. P. *Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica*. 3. ed. São Paulo: Martins Editora, 1953.

MACHADO, Felipe Morelli. *"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! O Brasil na Copa de 1938.* Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. *"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938.* 2011. 246f. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC-SP, São Paulo.

MADRE DE DEUS, G. da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente.* São Paulo: Martins Editora S. A., 1953.

MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil (1894-1950).* São Paulo: Ed. Leia, 1950.

NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. *Primeiros Passes: documentos para a história do futebol em São Paulo.* Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014.

QUEIROZ, M. I. P. de. Ufanismo paulista. *Revista da USP.* São Paulo, n. 13, p. 78-87, mar-abr-mai 1992.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem à Província de São Paulo.* São Paulo: Edusp, 1976.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.* São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

TAUNAY, A. d'Escragnolle. *História das bandeiras paulistas.* 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

THOMPSON, Edward. P. *Costumes em comum.* Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

OLIVEIRA VIANA, F. *Populações meridionais do Brasil.* 6 ed. V. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. Base e Superestrutura na Teoria Cultura Marxista. *Revista USP,* São Paulo, n. 65, mar/mai 2005.

Recebido em 15 de abril de 2016  
Aceito em 06 de setembro de 2016